



- **PERSPECTIVAS HISTÓRICAS SOBRE A FORMAÇÃO DO ENGENHEIRO DE PRODUÇÃO A PARTIR DE DADOS DO 1º ENCONTRO BRASILEIRO DE ACADÊMICOS DA ÁREA**

Fábio E. F. R. Ferreira – fabioedu1@hotmail.com

Universidade Federal do Ceará

Av. Humberto Monte, s/n, Pici

60451-970 – Fortaleza - Ceará

Ana L. R. Ferreira – lucyfisio@yahoo.com.br

Universidade Federal de São Carlos

Rod. Washington Luís, km 235, SP - 210

13565-905 – São Carlos – São Paulo

Lucelindo D. Ferreira Junior – lucelindo.ferreira@gmail.com

Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo

Av. Trabalhador São-carlense, 400, Pq. Arnold Schmidt

13566-590 – São Carlos – São Paulo

***Resumo:** Parte importante da história da formação acadêmica em engenharia de produção no Brasil é contada através das discussões e reflexões ocorridas no primeiro, e mais representativo, evento de acadêmicos da área, o 1º Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção (ENEGEP). Quais eram as perspectivas e aspirações dos acadêmicos com relação à formação do engenheiro de produção presentes nos anais do primeiro ENEGEP? Refletir sobre essa questão é uma forma de contribuir para um retrato da história da engenharia de produção no Brasil, e compreender a origem dos caminhos que foram empreendidos, ao longo dos anos, para a definição da formação dessa classe de profissionais na sociedade. Esta pesquisa teve como objetivo contribuir para responder a essa questão por meio de uma análise de conteúdo dos anais do 1º ENEGEP, ocorrido em 1981, no que concerne ao tema formação do engenheiro de produção, num período caracterizado por incertezas sobre o tema. Como resultado, identificou-se que as discussões dos acadêmicos, em essência, tratavam da estruturação de uma formação, para o engenheiro de produção, que propiciasse um perfil e papel mais definido no contexto brasileiro da época.*

***Palavras-chave:** Engenharia de produção, Formação do engenheiro de produção, História da engenharia de produção*

1. INTRODUÇÃO

Parte importante da história da formação em engenharia de produção no Brasil é contada através da produção científica publicada nos anais do primeiro ENEGEP. Este pioneiro



evento tornou-se o mais representativo e conhecido nacionalmente, mantendo-se até hoje como o principal encontro de estudantes de engenharia de produção do país. O ENEGEP teve sua primeira edição no ano de 1981, sob a denominação de Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção. Surgiu com o propósito de avaliar e propor melhorias na educação em engenharia de produção brasileira, a partir do panorama da situação acadêmica na área.

O primeiro ENEGEP representou um marco para a engenharia de produção no país, sendo o resultado do esforço empreendido para reunir os envolvidos com a área, i.e., professores, alunos e profissionais. Sua instituição ocorreu, aproximadamente, uma década após o surgimento dos primeiros cursos. Então, poucas turmas haviam sido formadas, e uma parcela significativa do corpo docente não possuía formação ou experiência prática na área de engenharia de produção.

Havia, portanto, incertezas quanto à formação do engenheiro de produção, pouca integração entre os acadêmicos e profissionais da área, e inadequação de currículos (SIMONI, 1981), ao mesmo tempo em que ocorria um crescimento na quantidade de cursos (LEME, 1983). As discussões do evento se concentraram no que concerne à formação. Essas discussões tiveram o propósito de “realizar um diagnóstico da situação e propor melhorias no ensino” (ENEGEP, 1981) da área, considerando o contexto existente no ano de 1981.

Quais eram as perspectivas e aspirações dos acadêmicos com relação à formação, presentes nos anais do primeiro ENEGEP? Refletir sobre essa questão é uma forma de contribuir para um retrato da história da engenharia de produção no Brasil, e compreender a origem dos caminhos que foram empreendidos, ao longo dos anos, para a definição da formação dessa classe de profissionais na sociedade.

Esta pesquisa teve como objetivo contribuir para responder a essa questão por meio de uma análise de conteúdo dos anais do 1º ENEGEP (1981), no que concerne ao tema formação do engenheiro de produção, de forma a identificar as perspectivas dos acadêmicos sobre o tema no contexto da época.

2. A ORIGEM DA ENGENHARIA DE PRODUÇÃO NO BRASIL

A engenharia de produção surgiu no Brasil como resultado de três principais fatos, de acordo com Leme (1983): (1) a construção dos quartéis do exército por Roberto Simonsen, em 1924, quando foram introduzidos conceitos da engenharia de produção no Brasil, em especial, padronização, organização e aproveitamento da produção em larga escala; (2) a criação do IDORT, Instituto de Organização Racional do Trabalho, em 1931, empresa que propunha melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores brasileiros, tendo por princípios a aplicação de técnicas para a administração científica do trabalho; (3) instalação de empresas multinacionais no Brasil, sobretudo oriundas dos Estados Unidos, na década de 1950, que demandavam por profissionais, denominados *industrial engineers*, que não existiam no Brasil. Essa demanda impulsionou a criação do primeiro curso de engenharia de produção no país.

Segundo Leme (1983), no ano de 1959, surgiu, como opção do curso de engenharia mecânica, o primeiro curso em nível de graduação em engenharia de produção no Brasil, ofertado pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Outros três cursos de engenharia de produção surgiram até final da década de 1960, mas somente na década de 1970 houve um aumento representativo, com o surgimento de dez novos cursos, dentre os quais os ofertados pelas instituições (MENEZES, 1981): Escola de Engenharia da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1971; Universidade Federal de Minas Gerais



(UFMG), em 1971; Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (EESC/USP), em 1973; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), em 1976. Nessa mesma década, no ano de 1976, na Resolução 48/76, foram definidas as áreas de habilitações da engenharia de produção, e, em 1977, o currículo mínimo como habilitação e a aprovação de cursos de engenharia de produção pura, na Resolução 10/77, pelo Conselho Federal de Educação (ENEGEP, 1981; ABEPRO, 2012). Em 1981, na época do 1º ENEGEP, já existiam 16 cursos de engenharia de produção como habilitação das engenharias clássicas, com um corpo discente de, aproximadamente, 2775 estudantes (DANNA, 1981).

Diante do exposto, os fatos demonstram que, no ano de 1981 havia um contexto propício para a instalação do 1º Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção, já que a quantidade de cursos de engenharia de produção crescia, porém havia pouca articulação e integração entre os diversos envolvidos com a área. E, principalmente, havia a necessidade de se realizar um diagnóstico da situação da engenharia de produção no país, para que fossem levantadas propostas de melhoria para a área (ENEGEP, 1981). Assim, surgiu o 1º ENEGEP, que será apresentado na próxima seção.

3. APRESENTAÇÃO E EVOLUÇÃO DO ENEGEP

O 1º ENEGEP ocorreu no Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade de São Carlos, UFSCar, entre os dias 14 e 16 de maio de 1981. O evento, denominado Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção, foi concebido para integrar os envolvidos com a engenharia de produção, acadêmicos ou profissionais, de modo a compreender e discutir a situação da engenharia de produção, num momento caracterizado pelo crescimento na quantidade de cursos na área. Conforme apresentado no Projeto do Encontro (ENEGEP, 1981), foram discutidos: o objeto de trabalho; os currículos existentes; os métodos de ensino e material didático; a participação no desenvolvimento tecnológico; e, a representação profissional da engenharia de produção.

De acordo com Simoni (1981), a discussão de tais assuntos em um evento integrador, como se propôs o 1º ENEGEP, teve, em especial, o propósito de tornar mais articulado e influente o corpo constituído pelos profissionais e acadêmicos da área, presentes no país. Esse corpo, organizado, seria capaz de trabalhar para uma maior definição do perfil, currículo, abrangência, etc., da engenharia de produção, e teria capacidade de influir no estabelecimento da área, junto aos órgãos do governo e instituições de ensino, e junto às empresas.

Nos 30 anos de realização deste evento, muita coisa mudou. O ENEGEP tem ao longo dos anos aumentado o número de participantes e trabalhos publicados, estima-se que 2.500 pessoas participarão da edição de 2012 do ENEGEP (em contraposição aos 114 participantes da 1ª edição), entre os quais, estudantes de universidades e faculdades de 26 unidades federativas, e participantes de outros países, como Estados Unidos, China, Inglaterra, entre outros (ABEPRO, 2012). Assim, o evento vem se consolidando, tornando-se uma referência para os envolvidos com a área de engenharia de produção no Brasil.



Os artigos apresentados no evento estão listados no Quadro 1, com a indicação da autoria.

Autores	Título do trabalho
Pierucci et al. (1981)	Objeto de trabalho da Engenharia de Produção (subsídios à discussão)
Rabello Filho e Silva (1981)	Subsídios à delimitação do campo de ação do Engenheiro de Produção, através da análise dos trabalhos de formatura da da Escola Politécnica da USP – 1964/1978
Menezes (1981)	O Engenheiro de Produção: sua formação e sua profissão
Fernandes (1981a)	Contribuições para discussão do I ENEGEP
Camarotto et al. (1981)	A Engenharia de Produção: campo de atuação
Costa (1981a)	Considerações e propostas sobre o currículo, métodos de ensino e implantação de cursos de Engenharia de Produção: o caso UFSCAR
Costa (1981b)	A Pesquisa Operacional no currículo de Engenharia de Produção
Fernandes (1981b)	O currículo mínimo
Alves Filho (1981)	O currículo da Engenharia de Produção
Câmara e Simoni (1981)	Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho: ensino, pesquisa e extensão
Belhot e Costa (1981)	Uma bibliografia para Engenharia de Produção: títulos de caráter geral e matérias profissionais específicas
Costa et al. (1981)	Um exemplo de integração Universidade-Empresa: o ensino de controle de qualidade no curso de Engenharia na UFSCar
Bullio e Rabello Filho (1981)	O ensino de Engenharia de Produção: contribuições do Departamento de Engenharia de Produção da UFSCar
Camarotto e Murolo Filho (1981)	Proposta de organização de disciplinas e desenvolvimento de trabalho dentro da formação profissional específica no curso de Engenharia de Produção da UFSCar, com ênfase em Engenharia do Trabalho
Rabello Filho (1981a)	Subsídios à discussão do papel da Universidade
Rabello Filho (1981b)	O ensino da economia no curso de Engenharia de Produção na UFSCar: uma tentativa de conhecimento do meio local
Camarotto (1981)	Uma metodologia de ensino
Menezes e Passeri (1981)	Participação da Engenharia de Produção no desenvolvimento tecnológico

Quadro 1 - Lista dos trabalhos publicados nos anais do 1º ENEGEP

4. ETAPAS DA PESQUISA

O trabalho foi executado em quatro principais etapas: (1) leitura e identificação dos principais trabalhos nos anais do 1º ENEGEP; (2) análise crítica dos trabalhos selecionados; e (3) síntese dos resultados. Na primeira etapa, foram lidos os anais do 1º ENEGEP, em especial os 19 artigos classificados como “contribuições aos temas oficiais” do evento. A partir dessa leitura, foram identificados 10 artigos para serem objetos de estudo. Os 9 artigos excluídos do estudo tratavam sobre aspectos muito particulares como, por exemplo, indicação bibliográfica para cursos de engenharia de produção. Na segunda etapa, após a leitura dos trabalhos identificados na etapa anterior, foi feita uma análise crítica, quando se identificou os principais assuntos relacionados às perspectivas sobre a formação do engenheiro de produção. Por fim, na terceira etapa, os resultados obtidos nas etapas anteriores foram sumarizados, e, identificadas perspectivas para trabalhos futuros, com base nos resultados alcançados.



5. PERSPECTIVAS HISTÓRICAS SOBRE A FORMAÇÃO DO EP

Os artigos selecionados para o estudo enfocavam, sobretudo, os assuntos: perfil e papel do engenheiro de produção. Verificou-se que o estudo desses dois enfoques tinha por propósito a elaboração de uma formação mais adequada para o engenheiro de produção, a partir da definição de um perfil e papel, para o profissional da área, mais adequado ao contexto brasileiro. Dessa forma, serão apresentadas, nas subseções 5.1 e 5.2, as perspectivas relacionadas ao perfil e papel do engenheiro de produção, que implicariam diretamente sobre aspectos como grade curricular, disciplinas, abordagens de ensino, etc., influentes na formação do engenheiro de produção.

5.1. Perspectivas históricas sobre o perfil do engenheiro de produção

A definição de perfil por Houaiss (2009) é a de um “conjunto de traços psicológicos ou habilidades que tornam alguém apto para determinado posto, encargo ou responsabilidade”. Relativamente ao perfil do engenheiro de produção, Pierucci et al. (1981) consideravam que o engenheiro de produção deveria possuir uma visão crítica, social e política, com uma percepção que rompesse as fronteiras da organização, referindo que o engenheiro de produção ainda possuía uma visão limitada dentro dessas empresas.

Alves Filho (1981) considerava que, além da capacidade de análise crítica, o perfil do engenheiro de produção deveria ser constituído pela compreensão dos conhecimentos básicos técnicos. O autor completava que havia uma formação superficial nas áreas que tratavam do papel do engenheiro na sociedade, da evolução da engenharia de produção, etc., contribuía para que o engenheiro de produção tenha uma visão crítica reduzida.

Pierucci et al. (1981) também apresentavam que o engenheiro de produção deveria estar apto a resolver problemas e auxiliar na tomada de decisões em um nível mais estratégico que operacional, i.e., deveria possuir um perfil que permitisse influir nas decisões dentro das organizações, entendendo as implicações de tais decisões. Ademais, esses autores salientavam que o engenheiro de produção deveria estar atento à realidade do próprio país, para que as suas soluções fossem adequadas às condições do contexto brasileiro.

De acordo com Fleury (1981) e Alves Filho (1981), o fato da engenharia de produção não ser considerada uma grande área na época, como eram as engenharias civil, metalúrgica, mecânica, química, minas e elétrica, porém uma habilitação dessas, promovia no engenheiro de produção um perfil voltado às especialidades das áreas nas quais se originava. Isso ocasionava uma indefinição no perfil, ou seja, um questionamento das atribuições do engenheiro de produção para desempenhar o seu papel intrínseco, que Fleury (1981) e Pierucci et al. (1981) reforçavam como sendo a capacidade de integrar as diversas áreas envolvidas com o desenvolvimento tecnológico.

Nesse sentido, o engenheiro de produção deveria ser capaz de se apropriar das condições providas pelo desenvolvimento tecnológico, i.e., equipamentos e sistemas de organização, administração e controle existentes nas empresas, para, através do desenvolvimento científico obtido com esses recursos, fornecer conteúdo útil ao desenvolvimento das empresas (MENEZES & PASSERI, 1981).

Por fim, os autores Menezes e Passeri (1981) registravam que o engenheiro de produção deveria ser capaz de proporcionar bem-estar à comunidade, ou seja, melhorar as condições de vida dos usuários de suas soluções técnicas (CAMAROTTO & MUROLO FILHO, 1981).



5.2. Perspectivas históricas sobre o papel do engenheiro de produção

Relativamente ao papel do engenheiro de produção, os autores do primeiro ENEGEP utilizavam os termos “objeto de trabalho”, “campo de atuação” e “atuação profissional” e “papel”, para se referirem às atribuições profissionais do engenheiro de produção. Foi utilizado neste trabalho o termo “papel” tido como “função que se desempenha ou cumpre”, uma das acepções encontradas em Houaiss (2009).

O trabalho de Pierucci et al. (1981) discutia o papel do engenheiro de produção na sociedade brasileira. Para os autores, o engenheiro de produção estaria limitado às tarefas administrativas internas determinadas pelas empresas, definindo, sobretudo, métodos de transformação para os processos produtivos, com reduzido poder de decisão. Por outro lado, Camarotto et al. (1981) apresentava uma visão mais humanista, e caracterizava o engenheiro de produção como um profissional voltado para os processos de trabalho, i. e., com enfoque nas relações entre as pessoas e o trabalho, de modo a proporcionar melhores e saudáveis condições de realização do trabalho. O trabalho a que os autores se referiam ocorria no nível de processos operacionais, e o engenheiro de produção atuaria no aumento da qualidade de vida das pessoas nesses processos. Em adição, os autores sintetizavam que a atuação profissional do engenheiro de produção deveria ocorrer “a nível de projetos, operação e manutenção de processos de trabalho, através da criação, utilização, e/ou desuso de soluções técnicas”.

Para Costa (1981), o papel do engenheiro de produção deveria possuir uma estreita relação com os fatores humanos e processos produtivos, corroborando, nesse sentido, a Camarotto et al. (1981). Além disso, Costa (1981) apresentava três principais tendências a serem enfocadas na formação de um engenheiro de produção, em síntese: (1) como uma engenharia de métodos, que aplica métodos e instrumental; (2) como integradora entre os conhecimentos de engenharia e administrativo-econômicos; e (3) como detentora de papel próprio que trata da “análise e projeto de sistemas integrados de homens, materiais, equipamento e ambiente”.

Costa (1981) propunha questões a serem resolvidas, como a definição de um objetivo central para o trabalho do engenheiro de produção, num momento em que havia pouca definição de seu objeto de trabalho, conforme destacou Rabello Filho (1981). Outros pontos destacados por Costa (1981) foram: a participação do engenheiro de produção em empresas de serviços, em empresas de médio e pequeno porte, e, por fim, no âmbito regional. Camarotto e Murolo (1981) preocupavam-se, também, com os novos papéis do engenheiro de produção na sociedade, não exclusivamente industriais, mas atingindo o setor agrícola, de serviços públicos, e comunidade, por exemplo.

No que concernia à participação do engenheiro de produção na comunidade, Menezes e Passeri (1981), consideravam que a engenharia de produção deveria ter um papel no projeto, implantação e controle dos sistemas visando melhorar a qualidade de vida da comunidade, considerando-se as especificidades regionais.

Para Menezes e Passeri (1981), a engenharia de produção deveria colaborar com o desenvolvimento tecnológico em três níveis: (1) serviços à comunidade; (2) desenvolvimento científico; e, (3) instrumental para ensino. No nível dos serviços à comunidade, a engenharia de produção deveria projetar, implantar e controlar sistemas que concebesses melhor qualidade de vida à sociedade brasileira, considerando-se as especificidades regionais. No nível do desenvolvimento científico, o engenheiro de produção deveria se apropriar das



condições providas pelo desenvolvimento tecnológico, i. e., equipamentos e sistemas de organização, administração e controle existentes nas empresas, para, através do desenvolvimento científico obtido com esses recursos, fornecer conteúdo útil ao desenvolvimento das empresas. No nível do instrumental de ensino, os autores referiam que as empresas e universidade deveriam atuar em conjunto para propiciar ao futuro engenheiro condições de aprendizado alinhadas com a realidade.

Como se pode perceber nas proposições acerca do papel do engenheiro de produção, não havia um consenso entre os autores, conforme identificado nas discussões do grupo de trabalho sobre o “objeto de trabalho da engenharia de produção” (ENEGEP, 1981). Para Pierucci et al. (1981), isso ocorria pela inexistência de uma definição clara do papel do engenheiro de produção.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho possibilitou a identificação das perspectivas, relativamente ao tema formação, dos acadêmicos de engenharia de produção, publicadas nos anais do 1º ENEGEP. A formação do engenheiro de produção, no entanto, foi abordada como uma consequência da construção de um perfil e papel mais adequado a um contexto brasileiro da época. Assim, um delineamento do que seria o perfil e papel para o engenheiro de produção teria implicações diretas sobre que tipo de formação, em termos de disciplinas, grade curricular, conceitos, métodos e abordagens de ensino utilizar nos cursos de engenharia de produção.

Relativamente ao perfil do engenheiro de produção, os autores estudados acreditavam que esse se encontrava pouco definido. Destacavam, ainda, que um perfil adequado ao engenheiro de produção deveria ser construído em uma formação acadêmica que instigasse: a criação de visão crítica, social e política, aliada a conhecimentos técnicos; a capacidade para a resolução de problemas, auxiliar na tomada de decisões e influir nas decisões das organizações; a capacidade para adaptar soluções a uma realidade local; a capacidade para integrar as diversas áreas envolvidas na engenharia de produção; e, a capacidade para promover o bem-estar dos usuários através de soluções técnicas.

Relativamente ao papel do engenheiro de produção, os autores estudados defendiam, não consensualmente em alguns quesitos, que o engenheiro de produção deveria possuir uma formação que permitisse uma atuação: não limitada aos domínios internos, às tarefas administrativas internas, das organizações; com enfoque nos processos de trabalho, na relação homem-máquina-meio; com enfoque na engenharia de métodos; que propiciasse integração entre as outras engenharias e as áreas administrativa e econômica; exclusiva, própria, na gerência de sistemas integrados de homens, materiais, máquinas e ambiente; e, no desenvolvimento científico e tecnológico, visando à melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Como trabalhos futuros, espera-se realizar uma confrontação entre as perspectivas do 1º ENEGEP e trabalhos atuais publicados nos anais do ENEGEP, sobre o tema formação do engenheiro de produção, para verificar como as perspectivas sobre o tema evoluíram ou tem sido tratadas nos últimos anos.

REFERÊNCIAS

ABEPRO. **Associação Brasileira de Engenharia de Produção**. Disponível em: <<http://www.abepro.org.br>>. Acesso em: 02 abr. 2012.



ALVES FILHO, A. G. O currículo da Engenharia de Produção. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

CAMAROTTO, J. A. et al. A Engenharia de Produção: campo de atuação. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

CAMAROTTO, J. A.; MUROLO FILHO, R. Proposta de organização de disciplinas e desenvolvimento de trabalho dentro da formação profissional específica, no curso de Engenharia de Produção da UFSCAR, com ênfase em Engenharia do Trabalho. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

COSTA, L. R. F. A pesquisa operacional no currículo de Engenharia de Produção. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

DANNA, F. L. Sessão de abertura. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

ENEGEP. **Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

FLEURY, A. C. C. Sessão de abertura. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 3.0. [CD-ROM]. 2009.

LEME, R. A. S. História da engenharia de produção. **Anais: III Encontro Nacional de Engenharia de Produção.** São Paulo: POLI/USP-FEI-IEEP/Objetivo, 1983.

MENEZES, L. C. M. O Engenheiro de Produção: sua formação e sua profissão. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

MENEZES, L. C. M.; PASSERI, A. Participação da Engenharia de Produção no desenvolvimento tecnológico. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

PIERUCCI, P. L.; RABELLO FILHO, J. A.; SILVA, M. T. Objeto de trabalho da Engenharia de Produção (subsídios à discussão). **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

RABELLO FILHO, J. A. Sessão de abertura. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.

SIMONI, M. Sessão de abertura. **Anais: I Encontro Nacional de Ensino de Graduação de Engenharia de Produção.** São Carlos: UFSCAR, 1981.



HISTORICAL PERSPECTIVES ON THE FORMATION OF THE PRODUCTION ENGINEER FROM DATA OF THE FIRST BRAZILIAN MEETING OF SCHOLARS IN THE AREA

***Abstract:** An important part of the history of the academic formation in engineering production in Brazil is told through the discussions and reflections occurring in the first and most representative event academic in the area, the first National Meeting of Education to Undergraduate in Production Engineering (ENEGEP). What were the perspectives and aspirations of scholars concerning the formation of the production engineer described in the annals of the first ENEGEP? Reflecting on this issue is a way to contribute to construct a picture of the history of the production engineering in Brazil, and understand the origin of the paths that have been undertaken over the years, to define the formation of this class of professionals in society. This research aimed to contribute to answer this question through a content analysis of the proceedings of the 1st ENEGEP, 1981, regarding the issue of formation of the production engineer, in a period characterized by uncertainty on the subject. As a result, we found that the discussions of academics, in essence, deal with the structuring of the formation of the production engineer that would provide a more defined profile and role in the Brazilian context at the time.*

***Key-words:** Production engineering, Formation of the production engineer, History of production engineering*